

DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO NO EXTRATIVISMO DE MANGABA NO NORDESTE E NORTE DO BRASIL

Dalva Maria da Mota¹

Heribert Schmitz²

Josué Francisco da Silva Júnior³

Thiara Fernandes⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o cotidiano de mulheres, homens e crianças na coleta de mangaba, autodenominados “catadores” (no Nordeste do Brasil) e “apanhadores” (no Norte). Privilegiamos a divisão social do trabalho em diferentes espaços (casa e campos de coleta) e atividades (coleta, pós-coleta e transporte). A pesquisa foi realizada nos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pará entre os anos de 2003 e 2009 por uma equipe interinstitucional e interdisciplinar. Os principais resultados mostram que a despeito de existirem diferenças no extrativismo no Nordeste e Norte do Brasil o trabalho de homens e mulheres aporta importantes recursos para a reprodução social das suas famílias.

Palavras-chave: Mangaba; mulheres; coleta ; trabalho.

-
- 1 Doutora em Sociologia; Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental; Bolsista de produtividade do CNPq. Principais linhas de pesquisa: trabalho agrícola, populações tradicionais e agricultura familiar. Trav. Enéas Pinheiro, S/N. Bairro Marco – Belém – PA. CEP: 66095-100. dalva@cpatu.embrapa.br
 - 2 Doutor em Ciências Agrárias, Professor de Sociologia; Universidade Federal do Pará, Belém; Bolsista de produtividade do CNPq. Principais linhas de pesquisa: ação coletiva, extensão rural e movimentos sociais. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Av. Augusto Corrêa s/n - Campus Universitário Guamá. CEP: 66075900 - Belém, PA heri@amazon.com.br
 - 3 Mestre em Fruticultura Tropical; Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros. Principais linhas de pesquisa: recursos genéticos de fruteiras tropicais do litoral do NE. Av. Beira-Mar, 3250 – Praia 13 de Julho. CEP: 49025-040 – Aracaju – SE. josue@uep.cnps.embrapa.br
 - 4 Aluna do Mestrado em Agriculturas Familiares, (UFPA) Belém-PA. thiaraagro@gmail.com

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the daily routine of women, men and children who work as mangaba collectors, or mangaba (*Hancornia speciosa*) "apanhadores" (term locally used with the translation close to mangaba grabbers) as they call themselves in Northeastern Brazil, an outlook that has privileged the labor social division in different spaces (home/field) and activities (collection, post-collection and trading). The research has been conducted in the Brazilian states of Sergipe, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte and Pará, between 2003 and 2009, by an inter-institutional and inter-disciplinary team. The main results have shown that despite the existing differences in mangaba extraction in Northern and Northeastern Brazil, the labor of men and women in such activity capture resources that complement (add) to the social reproduction of their families.

Keywords: Mangaba; Women; labor social; collectors.

1. INTRODUÇÃO

São raros os estudos sobre trabalho e gênero no extrativismo vegetal, provavelmente porque há três décadas o extrativismo parecia fadado a desaparecer diante da concorrência dos produtos sintéticos; das redes arcaicas de comercialização; da imagem negativa da atividade associada à destruição dos agroecossistemas e da tendência de tecnificação dos processos de trabalho no espaço rural⁵. Os anos passaram e a atividade extrativista se extinguiu em algumas áreas conforme previsto, agoniza em outras, mas também persiste (castanha-da-amazônia, mangaba, bacuri e coco-babaçu) como uma das possibilidades de reprodução social de populações rurais que desenvolvem sistemas produtivos (caça, coleta, agricultura e pesca) com técnicas de baixo impacto ambiental⁶. Conseqüentemente, o debate tem sido retomado pelo reconhecimento da importância desses sistemas para a conservação da biodiversidade num contexto de desequilíbrio ambiental; pela valorização

⁵ ver HOMMA, 1993; MOTA et al., 2007.

⁶ ALMEIDA, 1994; CARNEIRO DA CUNHA, 1999; EMPERAIRE, 2000.

cultural que os seus produtos têm adquirido no mundo contemporâneo, em que consumidores distantes cobiçam produtos rotulados como 'verde' e; pelo reconhecimento de que os saberes acumulados por gerações de populações tradicionais tem sido um dos guias mais usado nas pesquisas científicas.

Foi no debate sobre o extrativismo nos tempos atuais que o cotidiano de mulheres, homens e crianças catadores de mangaba (como se auto denominam no Nordeste) ou apanhadoras de mangaba (como se auto denominam no Norte) foi estudado, segundo um olhar que privilegiou a divisão social do trabalho nos diferentes espaços (casa/campo) e atividades (coleta, pós-coleta e comercialização).

A mangaba (*Hancornia Speciosa*), é uma fruta nativa dos tabuleiros, restingas, campos e cerrados do Brasil, que ganha destaque na última década no atual contexto de intensificação do consumo de frutas frescas ou de polpas para suco. Apesar destas novas evidências, o seu consumo é bastante diferenciado no Nordeste e Norte do Brasil. No primeiro, faz parte do elenco de frutas consumidas no verão, predominantemente na forma de sucos e sorvetes, podendo os mesmos serem encontrados nas margens das rodovias, nas feiras e, mais recentemente, nos supermercados, sorveterias e lanchonetes. No Norte, entretanto, as frutas são encontradas apenas nas feiras locais ou em pontos por onde trafegam muitas pessoas (porto de chegada do barco em Marajó, por exemplo) ou nas sorveterias configurando um consumo muito mais seletivo e vinculado aos que ali chegam. Estas diferenças influenciam para que no Nordeste a fruta tenha um alto valor comercial e circule em cadeias produtivas bem estruturadas constituídas por catadoras, comerciantes, vendedores ambulantes, proprietários de indústria de polpas e sorveterias e consumidores. Com isso, os nordestinos são os maiores consumidores de mangaba no Brasil. Diferentemente, no Norte, a vinculação dos que coletam a fruta com os consumidores é direta.

Após as primeiras observações nas duas regiões, levantou-se a hipótese de que havia o predomínio das mulheres na atividade de coleta e dos homens na comercialização, conforme existente em outros domínios da vida rural na qual o espaço doméstico está associado às mulheres e o público aos homens. Essa divisão remete a uma outra mais geral, na qual é amputado aos homens o trabalho produtivo – e a dispensa do trabalho doméstico – e a atribuição do

trabalho doméstico às mulheres em todo o mundo⁷. Entretanto, esta aparente delimitação engessada de papéis é questionada por Cantarelli⁸ no Brasil, ao afirmar que mesmo havendo modelos ideais que tangem essa diferenciação de papéis, o dia-a-dia nem sempre permite a “(...) plena vivência idealizada da vida masculina, voltada para a produção no roçado, como unidade de produção; e a vida feminina, voltada para a vivência dos cuidados domésticos”. Os membros das famílias na ‘lida’ diária definem essas diferenciações sociais. Mesmo assim, há consenso de que a denominada “conciliação”⁹ entre tarefas domésticas e extra casa se intensificam e permanecem sob a responsabilidade das mulheres.

Tendo em conta esse debate, partimos do pressuposto de que na divisão social do trabalho coexistem dominações, complementaridade e vínculos sociais entre homens, mulheres e crianças nos processos individuais e coletivos que vivenciam no dia-a-dia do extrativismo. Por isso, interagimos com todos esses atores na pesquisa, permitindo ao entrevistado assumir o papel de exploração e, ao entrevistador, o de facilitador¹⁰. Observações participantes, entrevistas abertas e semi-estruturadas foram alguns dos procedimentos utilizados com um total de 285 entrevistados, sendo 235 no Nordeste e 50 no Pará, dos quais, 75% são mulheres e 25% são homens.

A pesquisa foi realizada nos estados de Sergipe, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pará, no período de 2003 a 2009, por uma equipe interinstitucional e interdisciplinar. Considerando a abrangência da região de estudo, foram realizadas expedições que georeferenciaram as áreas remanescentes de mangabeiras, onde é praticado o extrativismo. Paralelamente, diferentes modos de contatos com os que ali vivem foram realizados. Quatro estudos de caso foram realizados em Sergipe em povoados com diferentes formas de acesso aos recursos e níveis de conservação, quais sejam: Capuã (município de Barra dos Coqueiros), Alagamar (Pirambu), Carro Quebrado (Japoatã) e Pontal (Indiaroba). No Pará, os estudos de caso foram realizados nas comunidades de Aricuru e Espírito Santo, localizadas em uma área conhecida como Campo da Mangaba no município de Maracanã, litoral do estado.

7 HIRATA & KERGOAT, 2003.

8 CANTARELLI, 2006, p. 283.

9 HIRATA, 2003, p. 17.

10 MICHELAT, 1982, p. 191.

O artigo está estruturado em três partes: introdução, uma reflexão sobre a divisão social do trabalho, a partir de um olhar sobre diferentes atividades e interações realizadas no desenvolvimento das mesmas, e conclusões.

2. DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO NO EXTRATIVISMO

Como pensar, sob o prisma da divisão social do trabalho, para grupos que, dependentes do extrativismo, manejam os recursos, predominantemente, segundo as práticas em que foram socializados há décadas ou séculos? Ali, produção e reprodução ainda se confundem e traçam os condicionantes de um cotidiano pautado no aprovisionamento¹¹.

Mas não é apenas no extrativismo que isso ocorre, mas numa série de modos de organização da produção e da vida social que são postos em prática no espaço rural, a exemplo das denominadas formas familiares de produção. Em relação a este tema, autores¹² demonstram nas suas análises que a família e o trabalho continuam constituindo um dos eixos fundamentais de reflexão numa ampla gama de enfoques teóricos e investigações sobre as sociedades contemporâneas. Em concordância, Saraceno¹³ acrescenta que em se tratando do espaço rural, a relação entre família, trabalho e economia é tão suficientemente explícita que dificilmente não se constituiria um problema. Em acordo, Segalen¹⁴ destaca as interações entre esses dois domínios da vida social no seu tratado sobre a família. A esse debate, nos dedicaremos nesse artigo, sob o prisma da divisão social do trabalho.

3. HOMENS E MULHERES NO EXTRATIVISMO DA MANGABA

A grosso modo, os entrevistados dividem a organização social do trabalho em atividades de homens, de mulheres e de crianças organizadas num todo, o

11 Utilizada aqui no sentido de que a produção é organizada principalmente pelas e para as famílias (Sahlins, 1983, p. 119).

12 GARCIA & DE OLIVEIRA, 2006, CORNFIELD, 2006, HIRATA, 2003, De OLIVEIRA & ARIZA, 2000.

13 SARACENO, 1997.

14 SEGALLEN, 1996.

que tem correspondência na literatura sobre trabalho familiar no espaço rural, muito embora, recentemente também se aborde analiticamente o trabalho de cada membro. Em seus discursos, naquele contexto, aos primeiros, competiriam todas as atividades consideradas pesadas e perigosas, segundo pontos de vista que são, na maioria das vezes, compartilhados pelas mulheres, dentre as quais: tirar e descascar coco, pescar no alto-mar, fazer e tomar conta de roças, ir para a 'maré' (manguezal e estuário, onde pescam crustáceos¹⁵ e moluscos¹⁶), se assalariar ou trabalhar como caseiros ou em fazendas. Em oposição, apenas eventualmente, colhem mangaba e outras frutas nativas¹⁷. Às mulheres, competiria ir para a 'maré' catar e pescar crustáceos, moluscos e peixe, confeccionar artesanato, coletar mangaba e outras frutas nativas, afazeres domésticos, cuidados com os filhos e 'ajuda' nas roças mantidas pelos maridos¹⁸.

Nessa divisão social de trabalho, as crianças (meninos ou meninas), em geral, acompanham as suas mães quando não estão na escola. Está embutido nessa prática tanto a usual 'ajuda' quanto o controle para que não fiquem 'aprontando por aí'. A proporção que crescem, no entanto, os meninos se afastam e passam a acompanhar mais o pai. Recentemente, constatamos muitos casos nos quais os jovens rejeitam participar do trabalho dos pais e ficam em casa assistindo à televisão, andando pela vizinhança ou realizando pequenos serviços nas áreas de turismo mais intenso. Esse tema tem sido abordado recorrentemente pelos pais entrevistados que visualizam uma ruptura num padrão tradicional de socialização profissional, mas também, de comprometimento de continuidade da atividade, já agravada pela crescente diminuição e privatização dos recursos naturais.

Observando e ouvindo sobre trabalhos de homens e de mulheres, constatamos que existem três tipos de classificação dos mesmos que são postos em prática: trabalhos exclusivamente de homens (tirar e descascar coco e pescar no alto-mar), exclusivamente de mulheres (artesanato, afazeres domésticos e cuidar dos filhos) e afeto aos dois a depender do contexto (demais atividades). No entanto, existem permeabilidades entre os diferentes trabalhos em situações de migração, doenças, dentre outras; inclusive, com as mulheres fazendo toda sorte de trabalho nas mesmas.

15 Siri, caranguejo, guaiamum, aratu e camarão.

16 Ostra, marisco, maçunim e sururu.

17 Araçá, cambuí, murici, entre outras.

18 SANTOS, 2007; PEREIRA, 2008.

Mesmo com essa classificação, interpretamos que está em jogo a noção de que aos homens caberia prover o sustento da família e às mulheres complementá-lo, mesmo que, muitas vezes, elas aportem igual ou até mais do que eles. O conteúdo desse debate é bem conhecido na literatura¹⁹, no qual códigos de conduta indicam que produção e reprodução estão associados a homens e mulheres, respectivamente, com valores diferenciados, conforme discutido por Hirata²⁰ e com repercussões nas relações de gênero.

Tendo em conta esse quadro, o extrativismo da mangaba é associado às mulheres²¹, que se auto-intitulam de catadoras²² ou apanhadoras²³ de mangaba. As explicações usuais para essa associação são a sazonalidade da safra, os baixos rendimentos econômicos, a leveza do trabalho e a inadequação dos movimentos de levantar e abaixar para os homens. Além do mais, permite cuidar, simultaneamente, dos afazeres domésticos e do extrativismo. Grande parte das mulheres corroboram com essa divisão reconhecendo que “a pesca manda na pessoa, tem que ficar muito tempo fora de casa” e “as mangabas estão lá, perto, esperando a pessoa chegar”. Muitas delas afirmam que não fica bem para um homem ficar esperando uma safra, quando precisa de dinheiro, continuamente, para atender às necessidades da família.

Outros argumentam que apenas as mulheres têm habilidades e delicadeza para lidar com frutas sensíveis, espécie de atributo natural²⁴, escamoteando capacidades adquiridas socialmente pela repetição dos movimentos concernentes à coordenação motora fina, como analisado em outras situações²⁵.

Por todos os motivos analisados, o extrativismo parece constituir, no imaginário dos entrevistados, uma atividade secundária ou marginal no

19 MELO, 2004.

20 HIRATA, 2003.

21 A exploração da mangaba no litoral do Nordeste e Norte é realizada por extrativistas cuja maior parte é constituída por mulheres (cerca de 75%). Esse percentual pode variar a depender da região: em Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Litoral Norte da Bahia e Pará, há um predomínio quase que total das mulheres. Na Paraíba, Rio Grande do Norte e parte da Bahia (Chapada Diamantina), pode-se observar uma maior participação do homem (pela crescente demanda e valorização da mangaba), embora as mulheres dominem a atividade e possuam mais experiência. Os homens catam quando estão sem trabalho.

22 MOTA & SILVA JÚNIOR, 2003.

23 Constatações de Fernandes na pesquisa de campo realizada abril 2009.

24 SILVA, 1997.

25 MOTA, 2005.

conjunto dos afazeres daquela população. Se assim é, como explicar que 70% dos rendimentos familiares provenham do mesmo, conforme constatado em levantamento detalhado realizado nos estudos de caso tanto no Norte como no Nordeste?

Uma das possibilidades de análise para essa contradição (baixo valor social, mas alto valor econômico) reside na supervalorização das atividades realizadas pelos homens, em detrimento daquelas realizadas pelas mulheres. Assim, a maior importância social daquelas, minimiza a importância econômica dos recursos advindos do extrativismo, via trabalho das mulheres. Por outro lado, leveza e força física também se opõem retomando a noção primeira de trabalho enquanto labor²⁶. Nesse jogo, a noção de complementaridade entre trabalho de homens e de mulheres para viabilizar a reprodução social do grupo familiar supera a de oposição, como observado por Segalen²⁷ no seu estudo sobre homens e mulheres no mundo rural.

No universo investigado, as diferentes práticas garantem o exercício de papéis de homens e mulheres, complementarmente, garantindo coesão social em torno da família nuclear e o provisionamento que se arranja de diferentes modos, segundo uma lógica que se reconfigura conjunturalmente²⁸. Talvez por isso, a família seja tão reconhecida como espaço multivariado que busca fornecer apoio emocional e material aos seus membros.

4. DA COLETA AO MERCADO: ENTRE O GRUPO E A FAMÍLIA

No extrativismo da mangaba em áreas de livre acesso²⁹ coexistem duas situações que são alicerces da divisão social do trabalho que ali se põe em prática: espaço (casa e campo) e sexo (homem e mulher).

Em se tratando da primeira, há os que ficam em casa ou em outras atividades e os que vão. Muitas vezes, as catadoras deixam os filhos menores sob os cuidados dos filhos maiores. Dentre os que vão, todas preferem ir bem cedo ou de madrugada, aos primeiros raios do sol, para evitar o sol forte, além

26 ARENDT, 2001.

27 SEGALLEN, 1980.

28 CANESQUI, 1988.

29 Tipos de acesso: extrativismo em áreas de uso comum. em áreas privadas, meia e arrendamento.

do que, praticando a atividade nas primeiras horas da manhã sobra tempo para “dar conta” das outras tarefas diárias. No Nordeste, outra motivação é apanhar as mangabas “de caída” (aquelas que caem naturalmente) antes que os animais comam e para colherem as “de vez” (aquelas em estágio intermediário entre verde e maduro) antes que outras catadoras o façam. “Outras” aqui, significa alheio ao grupo de deslocamento. No Norte, as apanhadeiras não utilizam os frutos “de caída” e pelo fato de não enfrentarem concorrência no extrativismo, porque o número de apanhadeiras é bem menor do que o que seria necessário para haver disputas. Por isso, ainda não se registra nenhum tipo de concorrência e, portanto, de desvalorização recíproca.

Em se tratando do grupo de deslocamento, há uma intimidade entre relações familiares, de vizinhança e de camaradagem daqueles que combinam e partilham uma caminhada para as áreas que têm plantas com frutos a serem coletados. Muito embora exista esta harmonia, os diferentes grupos rivalizam quando se trata do acesso aos frutos.

Arranjos variáveis se instituem segundo a distância e o isolamento da área que influenciam na participação, ou não, de crianças tanto pela idade, quanto pela distância da escola. Na maioria dos casos, o deslocamento é coletivo, com o grupo constituído apenas por mulheres e crianças (meninos e meninas) e significa uma ocasião propícia para conversas amenas, trocas de informações e narrativa de casos. Mais frequentemente no Norte, há ocasiões em que toda a família: pai, mãe e filhos vão juntos. Nesses casos muitas vezes é dispensada a companhia de vizinhos e amigos. O evento é eminentemente coletivo no qual o prazer da socialização comanda³⁰.

O grupo de deslocamento é substituído pelo familiar, quando as pessoas chegam na área e o trabalho de coleta inicia. Cada família³¹ se organiza de modo a coletar na mesma planta, garantindo assim, que cada um se aproprie do fruto do seu trabalho, evitando, apropriações indevidas na hora de recolher os frutos a serem levados para casa³². Além desse fracionamento, esse é o momento privilegiado da socialização para o trabalho quando as mães

30 SIMMEL, 1983.

31 Conceitualmente, família é um termo polissêmico que designa, tanto os indivíduos ligados pelo sangue e pela aliança, como a instituição que rege esses laços (Segalen, 1996, p. 20).

32 Isso porque os frutos são inicialmente derrubados e, posteriormente, apanhados. Duas famílias trabalhando na mesma árvore criaria a dúvida: que frutos nos pertencem? Que frutos pertencem ao outro?

ensinam, na prática, os filhos menores. Observar para diferenciar frutos verdes de maduros, retirar frutos corretamente, reconhecê-los pela cor e textura, não quebrar galhos e nem arrancar folhas indevidamente, fazem parte do roteiro de ensinamentos entre uma planta e outra. Muitas crianças, quando vão ao campo, sobem nas árvores, pois são menos pesadas que os adultos, e derrubam as mangabas para que as mães catem. Outras vezes, são as mães que sobem nas árvores e as crianças recolhem. Como em outras atividades familiares no espaço rural, as crianças se alternam entre as brincadeiras e a iniciação para o trabalho, ainda não sendo delimitado o que concerne a meninos ou meninas até a pré-adolescência.

A divisão do trabalho ali se organiza segundo a família e no interior desta, a partir da experiência compartilhada entre adultos e crianças. Apesar desses modos simultâneos de trabalho e socialização, não são raras as ocasiões, nas quais mulheres adultas se deslocam sem seus filhos e realizam o trabalho individualmente, mas num dado território que está sendo partilhado por um grupo. Minoritariamente, constatamos o trabalho de homens na coleta, atuando principalmente nas áreas distantes (RN, BA, PA) e representariam uma ameaça às mulheres. Nestas situações, não há discriminação dos mesmos que utilizam bicicletas e burros para transportar os frutos. Provavelmente, as distâncias e o imaginado perigo às mulheres, qualificam essas atividades como adequadas aos homens. Ali, eles fazem as mesmas atividades que as mulheres, mas normalmente não se fazem acompanhar por crianças por não constituir parte do seu papel socializá-las profissionalmente nesta tarefa.

Observando os dois tipos de inserção no extrativismo, concordamos com Segalen: “Existe pois uma hereditariedade dos modelos de trabalho, tal como existe uma hereditariedade dos modelos de fecundidade”³³.

Ainda quanto à coleta, coexiste uma harmonia nas caminhadas e uma certa concorrência nas áreas. Cada um escolhe a planta ou área com a qual já tem um certo hábito, que já conhece. Cada grupo familiar vai tentar cumprir a sua tarefa o mais rápido que puder e com acesso ao maior número de frutos. Nenhum acordo é negociado e cada família é livre para percorrer as plantas que estejam disponíveis. E, claro, no auge da safra, quando é maior a oferta do produto, o número de plantas visitadas é menor.

³³ SEGALEN, 1996, p. 226.

Quanto mais próximas as áreas extrativistas dos espaços de residência, maior a frequência de mães acompanhadas pelos seus filhos, influenciando na maior intensidade do repasse do saber-fazer pela oralidade e demonstração. Relações de amizade entre pessoas, sem crianças, podem estar associadas a campos próximos, como também, a campos distantes em que as famílias com crianças não vão.

O processo de coleta dos frutos se revelou, em todos os casos, como um espaço privilegiado de iniciação para o trabalho, particularmente, para as meninas que se socializam nos papéis das suas mães. Em muitos casos, tem sido um meio de reforço à coesão social pela intensificação do contato nos caminhos de ida e volta.

Nos casos, em que há escassez de frutos, esse entrosamento arrefece e há uma exacerbação da atividade individual: as catadoras saem cedo das suas casas, acompanhadas ou não de familiares, para coletar nas melhores plantas. Recentemente, registraram-se casos em que frutos verdes foram coletados e repassados para os intermediários, com prejuízos para todos, inclusive, os consumidores que comprarão frutos que não amadurecerão. Essa situação tem gerado conflito entre as próprias catadoras e foram identificadas exclusivamente no Nordeste. Analisamos que não se verifica no Norte pelo fato de ainda não existir desequilíbrio entre oferta e demanda nesse estado.

Em outros, no entanto, se estabelece como arena de acirramento dos conflitos pelas disputas em torno das plantas com o consequente esgarçamento do tecido social. Elemento central nas duas situações é a oferta do recurso.

Constatam-se comportamentos particulares das catadoras quando comparados aos homens, suficientemente característicos, a ponto de se poder falar de uma cultura feminina³⁴ no extrativismo da mangaba. Essa cultura se observa nos temas tratados naqueles espaços. Ali, não só tratam dos temas relativos aos filhos, mas também aos companheiros, às questões domésticas, etc. Não é à toa que autores observam que a identidade das mulheres no universo do trabalho não se constitui especificamente por aquela atividade. O processo inverso também se dá e acontecimentos passados, no decorrer do extrativismo, fazem pauta das conversas entabuladas na residência.

Da mesma forma que a coleta dos frutos nas áreas, a atividade de pós-colheita é estritamente familiar, mas doméstica, muito embora não seja

34 SEGALEN, 1996.

privada. Observa-se o oposto da concorrência praticada no campo. Nessa lógica, pode se dar na frente da casa, no quintal ou na cozinha. Sob o comando dos adultos (normalmente, a mãe), jovens e crianças executam atividades de lavagem dos frutos e encapotamento³⁵ (que, a depender da região, possui outras denominações, como empacotamento, empalhamento, enforamento, etc.) conjuntamente.

Esse é um tipo de sintetização das atividades de campo anteriormente realizadas, envolvendo todos aqueles que estejam presentes em casa no momento de chegada dos frutos. Uma divisão do trabalho muito sutil é posta em prática com os adultos (normalmente as mulheres, mães) organizando as estruturas (cestos, caixas ou baldes) que serão preenchidas pelos frutos lavados, enxutos e envoltos em tecidos velhos, papel ou folhas. Da mesma forma como as mulheres estruturam a casa para acolher os seus, elas replicam esse gesto no cuidado com os frutos entendendo que ali encontra-se, simbolicamente, parte dos alimentos a serem consumidos pelos acolhidos.

Em geral, todos os membros da família presentes na residência participam da pós-coleta (em menor proporção os homens adultos), mas de forma flexível. Esse é o momento, no qual é feito um balanço do que foi coletado e, com isso, é previsto qual a estratégia de venda dos frutos. Algumas vezes, a depender do volume ou da ausência dos demais membros da família, essa é uma atividade que se dá individualmente. Por todos esses arranjos não demandar força física, ser feita na sombra e poder ser interrompida a qualquer momento, é considerada uma atividade leve, e por isso mesmo, não considerada como trabalho. É assim atribuído à mulher.

Em alguns casos, pequenas quantidades das frutas são destinadas a um membro específico da família, normalmente criança ou jovem, para que ele adquira um objeto (tênis, calça jeans, camisetas, etc). Nesses casos, há uma valorização da sua participação em todas as etapas. Com isso, todo o processo, desde a ida ao campo até o recebimento da venda dos frutos, é vivenciado. É

35 O processo de encapotamento consiste da lavagem do fruto, após a colheita. Em seguida são colocados para enxugar sobre um pano seco, logo depois são colocados em baldes revestidos com papel e cobertos também com papel ou pano de tecido. Após três dias, os frutos têm completado o seu amadurecimento e estão prontos para serem comercializados. Apesar de todos esses cuidados, a chamada mangaba “de capota” não alcança valores tão elevados no comércio e nem é tão saborosa como a mangaba “de caída”, embora seja muito importante para a agro-indústria que as prefere em detrimento da “de caída”, por serem resistentes ao transporte e ao beneficiamento. (Santos & Mota, 2006)

um modo de socialização que sintetiza todas as práticas com compensação individual, parte de uma estratégia de individualização e preparação dos jovens para uma vida futura mais calcada em vínculos familiares fortes. Apesar de toda essa construção, os jovens têm sentimentos antagônicos a essas práticas em alguns espaços, negando-se a vivenciá-las. Como isso, repercutirá nas suas inserções ocupacionais, atitudes para o trabalho e na tradição da atividade com a ruptura entre ocupações de pais e filhos é uma questão a ser investigada.

Se nas atividades de coleta e pós-coleta o trabalho familiar é a base das mesmas, inclusive com um ordenamento de atividades que, gradativamente, inserem ocupação dos jovens, a comercialização é seletiva e apenas os adultos participam. É uma atividade que implica no manuseio de dinheiro e, na maioria das vezes, no contato com estranhos em espaços externos ao universo do interconhecimento. Quando realizado no próprio local de residência, implica também em administrar negociações de quantidades e preços com intermediários.

Mas a situação “meu marido me ajuda” se dá apenas naqueles casos em que as mulheres ultrapassam o previsível na venda das frutas e agem como intermediárias comprando das demais e realizando diferentes ações de deslocamento e contatos. Nesses casos, raros, participar da atividade na condição de ajudante não parece significar nenhum demérito pelo fato de também estar associada à proteção da mulher no espaço externo, responsabilidade tradicionalmente atribuída a eles.

É perceptível que atuar no espaço público encoraja os homens. Isso nos faz pensar que, inadequado para eles, é o ato em si de praticar o extrativismo da mangaba e não a etapa posterior, na qual “ajudam” as suas esposas sem constrangimentos. A idéia de que a esfera feminina situa-se no mundo doméstico privado, da produção de valores de uso para consumo do grupo familiar, da reprodução da espécie e dos cuidados com os mais velhos tem realidade no grupo investigado. As mulheres também predominam na venda da mangaba, seja no comércio com os denominados atravessadores, diretamente aos feirantes, nos mercados, nas ruas ou nas margens das estradas. Em oposição, o espaço público como atribuição masculina ainda se evidencia predominante, mas não restam dúvidas de que as mulheres também almejam novos papéis, mas apenas uma minoria, os vive.

5. CONCLUSÕES

As principais conclusões mostram que existem diferenças importantes no extrativismo da mangaba nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, dentre as quais: a disponibilidade do recurso natural (abundante na primeira e escasso na segunda); a qualidade da relação entre as catadoras e apanhadeiras de mangaba (conflituosa no Nordeste e sem problema no Norte); a estrutura da cadeia produtiva (com diferentes atores, intenso processamento da fruta e alto valor comercial no Nordeste e com poucos atores e quase nenhuma agregação de valor no Norte) e o consumo (intenso no Nordeste e localizado no Norte).

Não obstante todas as diferenças, o trabalho de homens e de mulheres no extrativismo da mangaba nas duas regiões aporta recursos que se complementam para a reprodução social das suas famílias. Nestes termos, arranjos que privilegiam a complementaridade das atividades e, conseqüentemente, dos rendimentos, são postos em prática. Opções não estritamente econômicas orientam as estratégias, como por exemplo, os homens não se dedicarem ao extrativismo da mangaba, pelo fato de ser considerada uma atividade de mulheres que poderia colocar em questionamento até a masculinidade pelo exercício de movimentos impróprios, sazonalidade, mecanismos de socialização atribuídos às mulheres, dentre outros aspectos.

É noção corrente que os recursos aportados pela venda da mangaba se destinam ao complemento do essencial à sobrevivência da família, muito embora, levantamento quantitativo mostre o contrário. Com isso, discursos reforçam papéis construídos tradicionalmente, muito embora as práticas, os desconstruam.

Reflexos nas hierarquias e no sistema de posições ocupadas pelos diferentes membros da família estão em questionamento, com a valorização da fruta no mercado regional, o reconhecimento da importância das mulheres na comercialização e a rejeição dos jovens à participação no extrativismo.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. As reservas extrativistas e o valor da biodiversidade in: ANDERSON, Anderson et al. (orgs). **O destino da floresta**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Curitiba: Instituto de estudos Amazônicos e Ambientais; Fundação Konrad Adenauer, 1994. 276p.

- ARENDDT; H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- CANESQUI, A. M. Antropologia e alimentação. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.22, n.3. 1988.
- CANTARELLI, J. Construindo a vida: homens e mulheres em família e a qualidade de vida de camponeses em uma reserva ecológica. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (orgs.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2006. p.279-299.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. Populações tradicionais e a convenção da diversidade biológica. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 36, p.147-163. 1999.
- CORNFIELD, D. Tendencias mundiales recientes en la sociología del trabajo. In TOLEDO, Enrique de La Garza. (Coord.). **Tratado latinoamericano da sociología**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, 2006. P. 122-132.
- De OLIVERIA, O.; ARIZA, M. Trabajo feminino en America Latina: un recuento de los principales enfoques analíticos. In: TOLEDO, E. de La G. (Coord.). **Tratado latinoamericano de sociología del trabajo**. Mexico: El Colegio del Mexico/ Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales/ Universidad Autónoma Metropolitana/ Fondo de Cutlura Económica, 2000.
- EMPERAIRE, L.; LESCURE, J.-P. Uma abordagem ecológica comparativa. In: EMPERAIRE, Laure (org.). **A floresta em jogo: o extrativismo na Amazônia Central**. São Paulo: UNESP. 2000.
- GARCIA, B.; de Oliveira, O. La familia y el trabajo: principales enfoques teóricos e investigaciones sociodemográficas. In TOLEDO, Enrique de la Garza. (Coord.). **Tratado lationoamericano de sociología**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2006. p. 148-170.

HIRATA, H. Apresentação à edição brasileira. In: MARAUANI, M.; HIRATA, H. (Orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. Trad. Clevis Rapkiewicz. São Paulo: SENAC, 2003.

HIRATA, H.; Kergoat, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARAUANI, M.; HIRATA, H. (Orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. Trad. Clevis Rapkiewicz. São Paulo: SENAC, 2003, p. 111-123.

HOMMA, A. K. O. **Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades**. Brasília: Embrapa-SPI, 1993. 202 p.

MELO, L. A. de. Relações de gênero na convivência com o Semi-Árido brasileiro: a água para o consumo doméstico. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (orgs.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2004, p. 173-191.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, Michel (org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis 1982, p. 191-212.

MOTA, D. M. da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais**. Fortaleza: Banco do Nordeste, Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005.

MOTA, D. M. da; Schmitz, H.; SILVA JÚNIOR, J. F. da. O extrativismo em tempos de globalização. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 13, Recife. **Anais...** Recife: SBS, 2007.

MOTA, D. M. da; SILVA JÚNIOR, J. F. da. Populações tradicionais e formas coletivas de gestão das áreas de ocorrência natural de mangabeira. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 22, n. 2, p. 225-233, jul/dez. 2003.

PEREIRA, E. O. **Extrativismo da mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes) no povoado Lagamar, Pirambu – SE**. 2008. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – UFS.

SAHLINS, M. D. **Sociedades tribais**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.

SANTOS, J. V. dos. **O papel das mulheres na conservação das áreas remanescentes de mangabeiras (*Hancornia speciosa* Gomes) em Sergipe**. 2007. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – UFS.

SANTOS, J. V. dos; MOTA, D. M. da. Uso e Conservação dos remanescentes de mangabeira por populações tradicionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 46, 2006. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UNIFOR, 2006. (CD-ROM).
SARACENO, C. **Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SEGALEN, M. **Mari et femme dans la société paysanne**. Paris: Flammarion, 1980.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). **Sociologia: Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção os Grandes Cientistas Sociais).

1. Este texto se integra a um dos programas de pesquisa, O primeiro é o Zônê Atelier de pesquisa sobre o desenvolvimento, UNB2, Programa Desenvolvimento, Vida e Sociedade, "Atividade e Desenvolvimento em Propriedades Agrícolas: estudo de lugares e experiências para uma re-valorização da agricultura familiar e seu ambiente" coordenado conjuntamente por equipes do IRD do INRA-SAD, do CNEABC, da Universidade de Toulouse Le Mirail e da Universidade das Antilhas-Guiana pela rede francês e a Universidade Federal do Pará através do Núcleo de Estudos Sobre Agricultura Familiar - NEAF, pelo lado brasileiro, integrado ao eixo 3 sobre a compreensão dos processos e das práticas de construção das instituições em áreas de fronteira pioneira (relações sobre as instituições em ligação com a INRA-SAD, de Toulouse, Laurent Granchamp, Cientista (Sociólogo ligado à Universidade de Paris 3, Nanterre) é igualmente integrante do programa Zônê Atelier e, a este título, participou da reflexão científica e participou em algumas atividades organizadas neste artigo. O segundo é o Programa PAREMIR, MAB, "Novas competências para a inovação localizadas e o desenvolvimento sustentável da agricultura rural. Projeto de Cooperação Franco-Argentino/Brasileiro em nível de Mestrado".
2. Cientista, Pesquisador do Centre National de Recherche Scientifique (Centre National de Recherche Sociét Environnemental Territoire Université de Paris - France)
3. Cientista e Sócio-comunista, MCF, UMR, Desenvolvimento Rurais, Université de Toulouse 2
4. Sócio-comunista Professor e pesquisador do Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar Universidade Federal do Pará - Brasil

